



Handwritten signature or initials in the top right corner.

Boletim Técnico n.º 17

GEOLOGIA DAS QUADRÍCULAS

DE

PORTO SEGURO NORDESTE E MOGIQUIÇABA

Nelson Ramos M. Filho

Boletim Técnico nº 17

**GEOLOGIA DAS QUADRÍCULAS
DE PORTO SEGURO NORDESTE E MOGIQUIÇABA**

Nelson Ramos M. Filho

**Centro de Pesquisas do Cacau
1972**

**COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DE
RECUPERAÇÃO ECONÔMICO-RURAL DA
LAVOURA CACAUEIRA (CEPLAC).**

Presidente

Antônio Delfim Netto, Ministro da Fazenda

Secretário Geral da CEPLAC

José Haroldo Castro Vieira

Superintendente Técnico e Diretor do Centro
de Pesquisas do Cacau (CEPEC)

Paulo de Tarso Alvim

Superintendente Administrativo

Roberto Midlej

Chefe da Divisão de Comunicação

Jorge O. A. Moreno

Publicação do CEPEC-CEPLAC

Caixa Postal 7, Itabuna, Bahia, Brasil

Tiragem: 4.500 exemplares

Impresso na DICOM pelo sistema offset.

CONTEÚDO

Localização e Acesso	5
Fisiografia	6
Clima e Vegetação	6
Relevo	7
Tabuleiros	7
Planícies Costeiras e Aluviões	7
Drenagem	8
Trabalhos Anteriores	8
Estratigrafia e Litologia	9
Pré-Cambriano	9
Terciário	10
Quaternário	11
Geologia Estrutural	13
Geologia Econômica	13
Coluna Estratigráfica Geral	14
Seções Representativas da Série Barreiras	15
Agradecimentos	16
Literatura Citada	16
Resumo	17

GEOLOGIA DAS QUADRÍCULAS DE PORTO SEGURO NORDESTE E MOGIQUIÇABA

Nelson Ramos M. Filho

O presente trabalho se refere ao mapeamento da Quadrícula de Porto Seguro NE e Mogiquiçaba, que faz parte do Projeto de Levantamento Geológico do Sul da Bahia, empreendido pela CEPLAC, em convênio com a Secretaria das Minas e Energia e a Universidade Federal da Bahia.

Para os trabalhos de campo e fotointerpretação foram utilizadas fotografias aéreas da Aerofoto Natividade S.A., tiradas em 1965, sendo os dados lançados em mapas semicontrolados, cedidos pela PETROBRÁS S.A.

Estes trabalhos foram realizados no período de maio a dezembro de 1970 com a colaboração inicial dos geólogos Pedro Barbosa de Deus e Hélio C.A. de Azevedo, técnicos do Setor de Geologia do CEPEC.

Localização e Acesso

A área mapeada pertence parcialmente aos municípios de Belmonte e St.^a Cruz de Cabrália, estando limitada ao leste pelo Oceano Atlântico. Situa-se na Zona Fisiográfica Cacaueira da Bahia e limitada pelas coordenadas de 38° 55' e 39° 15' de longitude oeste e 16° 00' a 16° 15' de latitude sul, ocupando uma área de aproximadamente 730 km² (Figura 1).

A partir de Itabuna, a principal via de acesso para a área é a BR-101 que, entretanto, não atravessa a zona mapeada, entroncando-se com a estrada estadual BA-275, 9 km ao sul da ponte sobre o rio Jequitinhonha. Esta estrada dá acesso à cidade de Belmonte, estando situados no seu percurso os povoados de Petro-

* Geólogo do Setor de Geologia da Divisão de Solos do CEPEC.

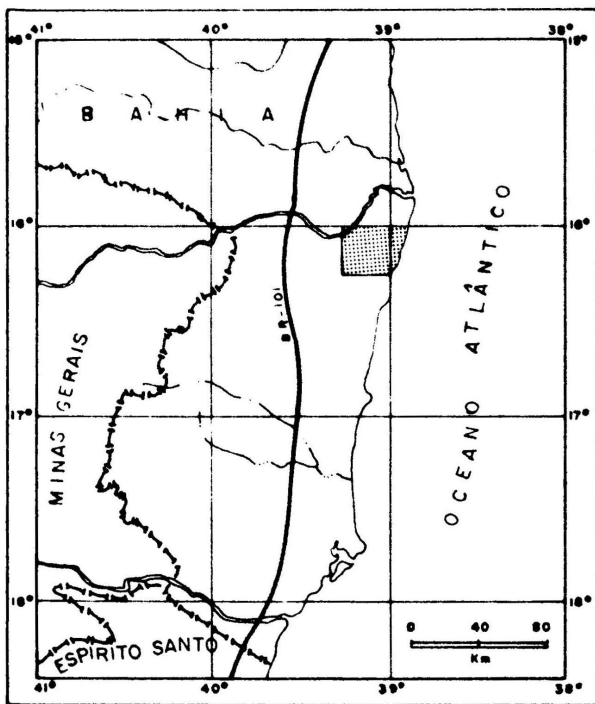


Figura 1 - Localização da área mapeada.

lândia e Queimadinha e pouco mais ao sul a vila de Mogiquiçaba.

De Barrolândia, povoado também situado na BA-275, 5 km a oeste da área mapeada, parte uma estrada que liga o povoado de Ponto Central ao de Santo André.

Com exceção da BA-275, de um modo geral, as vias de acesso da região se resumem a ramais bastante precários, tornando-se difícil o trânsito nas épocas de chuva. Trata-se também de uma região praticamente desabitada, com uma densidade demográfica muito baixa. Existem apenas pequenos povoados decedentes, tais como Barrolândia, Mogiquiçaba, Petrolândia, Queimadinha e Sepa. O principal centro é o povoado de Barrolândia que, no último recenseamento,

apresentou uma população de 1.009 habitantes.

Além do cultivo de cacau, desenvolvido na região aluvionar dos rios, as outras atividades principais são a exploração da piaçaba e da madeira de lei. Atualmente, a CEPLAC está implantando na área a Estação Experimental Gregório Bondar, onde serão realizados experimentos com outros cultivos.

FISIOGRAFIA

Clima e Vegetação

Na classificação de Köppen, o clima desta região se enquadra no Af representativo de floresta tropical úmida, sem estação seca. Chove praticamente durante todo o ano, com um índice pluviométrico de 1.500 mm a 2.000 mm por ano, e temperaturas máximas e mínimas de 26°C e 22°C nos meses de verão (dezembro a janeiro) e inverno (junho a agosto), respectivamente.

O tipo de vegetação dominante (4) é o da floresta perenifólia higrófila fácies Colônia, que cobre praticamente todo o solo derivado da evolução dos sedimentos terciários da Série Barreiras. Nas areias do Quaternário, acima dos sedimentos do Barreiras, estão os campos naturais (comunidade herbáceo-arbustiva); no Quaternário, onde estão os cordões litorâneos, domina a vegetação da floresta subcaducifólia esclerófila litorânea. Nos aluviões dos rios e pântanos existem, respectivamente, a floresta

perenifólia higrófila ribeirinha e a floresta perenifólia paludosa continental.

Relevo

Podem ser diferenciadas três grandes unidades de relevo, guardando estreita relação com a litologia e disposição das camadas.

Tabuleiros

Formados pelos sedimentos da Série Barreiras, constituem quase todo o relevo da área mapeada. A litologia e subhorizontalidade das camadas desta Série, formam no topo uma extensa superfície plana, o que confere um caráter monótono a esta forma de relevo. Uma densa rede de drenagem se impõe nesta região, evidenciando a impermeabilidade dos sedimentos devido ao caráter argiloso desta Série. Os rios e afluentes principais correm em vales escavados, profundos e abruptos, em forma de U, nos quais meandram. Nas encostas destes vales existem rolados e vários níveis de terraços.

Nas regiões costeiras os tabuleiros terminam abruptamente, formando extensas falésias litorâneas e sublitorâneas, alcançando altitudes de até 90 m. Estas falésias têm sua continuidade interrompida pelos rios que as cortam transversalmente, desembocando no Atlântico.

Planícies Costeiras e Aluviões

Na região costeira, entre a

linha de praia atual e a base das falésias, ocorre uma extensa planície aluvial, constituída por sedimentos argilo-arenosos. Uma das características marcantes desta planície é a presença de cordões litorâneos que se dispõem paralelamente à linha de praia atual, inclusive acompanhando os seus contornos, o que é um fato marcante em todo o litoral sul baiano. Topograficamente estão situados acima da área atingida pelas mais altas marés, não sendo, portanto, mais submersíveis.

Entre a base das falésias e os cordões litorâneos estendem-se grandes áreas inundáveis e lagoas, estas últimas nos baixios. Os cordões litorâneos represam estas águas pantanosas, formadas nas desembocaduras dos rios, quando uma parte de suas águas se espraia na planície, formando os pantanais.

Os aluviões e áreas inundáveis ocorrem também ao longo das margens dos rios João de Tioba e Jequitinhonha e foz dos rios St^a Cruz de Cabrália, St^o Antônio, Mogiquiçaba e Guaiuba, como também nas depressões, entre os cordões litorâneos e no fundo dos vales extensos, por onde meandram os rios, nas épocas de chuva.

Os arenitos de praia e recifes orgânicos se dispõem em posição subparalela com a linha de praia atual, geralmente desenvolvidos a pequenas distâncias da costa (Barreiras) ou presas e seccionando a mesma (Franjas).

Drenagem

Dois principais padrões de drenagem são bem diferenciados:

a. Dendrítico. É o predominante na área, reflexo principalmente do caráter argiloso dos sedimentos associados com a disposição horizontal a subhorizontal das camadas que compõem sedimentos da Série Barreiras. Este tipo de drenagem ocorre principalmente na região dos tabuleiros, em que os rios e seus principais afluentes meandram em vales largos e profundos.

Um fato notório é que muitos destes rios apresentam trechos com direções coincidentes com as dos fraturamentos das rochas do embasamento, dando a esta drenagem um aspecto dendrítico-retangular.

Um caso de adaptação está na planície costeira, onde os rios seguem as direções lineares dos cordões litorâneos. Os rios Mogiquiçaba, Acuba e Guaiuba, são exemplos típicos de rios controlados pelos cordões litorâneos.

b. Anastomótico. Após percorrer a região dos tabuleiros, na planície costeira os rios vagueiam, meandrando em desordem através da região pantanosa e lagos onde muitas vezes desaparecem e reaparecem mais adiante. Bastante comum é a presença de meandros abandonados, canais entrelaçados, pequenos lagos resultantes de braços mortos de rios etc.

O principal rio é o Jequitinhonha; embora perene, nas épocas

do inverno, o seu nível decai muito. No período das chuvas, suas águas aumentam muito de volume, transbordando e inundando extensas áreas, acarretando muitos prejuízos tanto para a lavoura como para a pecuária. Seguem-se em importância os rios João de Tiba (St^a Cruz de Cabralia), St^o Antônio (Braço do Sul), que se une ao Braço do Norte formando o rio St^o Antônio, já na planície aluvionar. O rio Braço do Norte apresenta afluentes importantes como o Jaqueira Grande, Jaqueirinha, Vermelho, Pina, Sucuruiba, Sucuruibinha etc.

Somente o Jequitinhonha é navegável em toda a região sul baiana; os demais são apenas no baixo curso.

TRABALHOS ANTERIORES

São poucos os trabalhos publicados sobre a geologia da região. Em 1937, Leonardos realizou um trabalho de reconhecimento no litoral sul baiano, fazendo citações sobre a ocorrência de areias monazíticas (3). Existem relatórios não publicados da PETROBRÁS, que realizou a perfuração de um poço estratigráfico na foz do rio Salsa, no ano de 1967. No ano seguinte, o geólogo A.J. Pedreira, a serviço da CEPLAC, mapeou as folhas de Mascote SE, Mascote NE, Canavieiras e Belmonte, cuja geologia está estreitamente correlacionada com a da área em estudo.

Os sedimentos que ocorrem nesta região são geralmente da

Série Barreiras, que têm como uma das características o fato de ser paupérrima em fósseis.

Os sedimentos que compõem a Série Barreiras, formam o maior depósito terciário do Brasil, e por esta razão tem sido estudado por vários autores, em diversas regiões. Atualmente já é um fato conclusivo que estes sedimentos refletem acumulações de sedimentos dendríticos, denunciando em geral, deposição em canais fluviais, planícies de inundação, lagos em região de clima quente-úmido e chuvas concentradas.

O seu relevo tem sido considerado como um tipo todo especial de planície costeira que foi soerguida do nosso território. Segundo F.F. de Almeida, citado por Azevedo (1), "sua evolução geomorfológica obedeceria então à gênese normal de toda planície costeira: soerguimento das estruturas homoclinais, dispostas ligeiramente inclinadas para o mar. Superimposição da rede hidrográfica com cursos d'água conseqüentes, subparalelos entre si, dispostos perpendicularmente à direção da linha da costa. Por fim, retrabalhamento generalizado por superimposição dos rios principais".

King (5) tece considerações sobre as modificações radicais climáticas produzidas após a deposição da Série Barreiras que teriam intensificado uma fase erosiva - ciclo Paraguassu - que se caracterizou por uma ação destrutiva produzindo escavamento nos talvegues dos rios.

ESTRATIGRAFIA E LITOLOGIA

A geologia da região está representada principalmente por sedimentos do terciário e quartenário. Do embasamento cristalino (pré-cambriano), foram encontrados apenas dois pequenos afloramentos.

A estratigrafia da Série Barreiras foi estabelecida a longo de cortes nas vias de acesso, leitos escavados e através de dados coletados durante a perfuração de poços tubulares de água subterrânea na Estação Experimental Gregório Bondar, no povoado de Barrolândia.

Estratigrafia

Pré-Cambriano

Foram consideradas como pertencentes ao pré-cambriano, as rochas metamórficas que formam o embasamento cristalino da região, sendo apenas encontrados afloramentos localizados ao longo do leito do córrego das Pedras, afluente da margem direita do rio Braço do Sul. É um quartzito micáceo, com pequenas placas muscovita, estratificado, formando bancos com altitude de N75E/20W; está intensamente diaclasado em dois principais sistemas de fraturas: E-W/vertical e N15E/subvertical para oeste. Em geral, as fraturas são preenchidas por veios de quartzo, formados por recristalização. Há também ocorrências de níveis de muscovita, intercalados entre bancos de quartzitos. Neste afloramento, nota-se claramente a

argilas variegadas e fragmentos dos arenitos precedentes.

Estas evidências mostram que a sedimentação do Barreiras não foi contínua e sim intercalada por ciclos erosivos que retrabalhavam os sedimentos pré-depositados.

Na Estação Experimental Gregório Bondar foram perfurados dois poços tubulares de água subterrânea, um deles alcançando inclusive profundidade de quase 90 metros sem que fosse encontrado o embasamento cristalino. Pela descrição dos perfis destes poços, a estratigrafia do Barreiras está constituída por uma série de estratos finos, com predominância de arenitos argilosos, siltitos e argilas arenosas finas. Estas camadas se apresentam intercaladas sem que haja zonas preferenciais, com predominância de uma fase mais argilosa, ou mais arenosa ou mais siltosa. Não há qualquer controle litológico, de granulometria ou cor.

No geral, os sedimentos da Série Barreiras são de natureza dendrítica, cuja litologia está constituída principalmente por argilas arenosas, siltes, arenitos argilosos, associados com leitos de conglomerados de quartzo, "clay balls" e bolsões de lentes de areias conglomeráticas.

Esta série está depositada sotoposta em discordância angular, sobre o embasamento cristalino, truncado, resultante da a-

ção erosiva do ciclo das Velhas, que não atingiu a sua fase final de aplainamento. A sedimentação do Barreiras, que se processou em ambientes de lagos, canais de inundação e ambientes flúvio-aluviais, veio a se concluir em condições de ambientes fluvial, pois os rios que, com o ciclo Paraguassu, erodiram e entalharam os seus vales profundos e extensos (1), foram os mesmos que se formaram no fim da fase deposicional dos sedimentos Barreiras e inclusive as areias conglomeráticas, que formam o quaternário, depositadas acima dos sedimentos terciários, se apresentam preenchendo paleo-vales, escavados nestes sedimentos.

Quaternário

a. Região dos Tabuleiros. O quaternário está representado por extensos lençóis de areia conglomerática, na base, constituindo terraços de até 2 m de espessura. São constituídos por seixos que apresentam granulometria variável desde grânulos até seixos centimétricos de quartzo, com alto arredondamento e esfericidade média, no geral. Acima destes terraços está depositada uma areia conglomerática, grossa na base, gradando para mais fina no topo, onde se apresenta rica em matéria orgânica. Estas areias são muito mal selecionadas com arredondamento e esfericidade variando entre média e baixa. Constituem os solos conhecidos regionalmente como "mussulunga".

Não se encontrou qualquer contato vertical entre a parte su-

argilas variegadas e fragmentos dos arenitos precedentes.

Estas evidências mostram que a sedimentação do Barreiras não foi contínua e sim intercalada por ciclos erosivos que retrabalhavam os sedimentos pré-depositados.

Na Estação Experimental Gregório Bondar foram perfurados dois poços tubulares de água subterrânea, um deles alcançando inclusive profundidade de quase 90 metros sem que fosse encontrado o embasamento cristalino. Pela descrição dos perfis destes poços, a estratigrafia do Barreiras está constituída por uma série de estratos finos, com predominância de arenitos argilosos, siltitos e argilas arenosas finas. Estas camadas se apresentam intercaladas sem que haja zonas preferenciais, com predominância de uma fase mais argilosa, ou mais arenosa ou mais siltosa. Não há qualquer controle litológico, de granulometria ou cor.

No geral, os sedimentos da Série Barreiras são de natureza dendrítica, cuja litologia está constituída principalmente por argilas arenosas, siltes, arenitos argilosos, associados com leitos de conglomerados de quartzo, "clay balls" e bolsões de lentes de areias conglomeráticas.

Esta série está depositada sotoposta em discordância angular, sobre o embasamento cristalino, truncado, resultante da a-

ção erosiva do ciclo das Velhas, que não atingiu a sua fase final de aplainamento. A sedimentação do Barreiras, que se processou em ambientes de lagos, canais de inundação e ambientes flúvio-aluviais, veio a se concluir em condições de ambientes fluvial, pois os rios que, com o ciclo Paraguassu, erodiram e entalharam os seus vales profundos e extensos (1), foram os mesmos que se formaram no fim da fase deposicional dos sedimentos Barreiras e inclusive as areias conglomeráticas, que formam o quaternário, depositadas acima dos sedimentos terciários, se apresentam preenchendo paleo-vales, escavados nestes sedimentos.

Quaternário

a. Região dos Tabuleiros. O quaternário está representado por extensos lençóis de areia conglomerática, na base, constituindo terraços de até 2 m de espessura. São constituídos por seixos que apresentam granulometria variável desde grânulos até seixos centimétricos de quartzo, com alto arredondamento e esfericidade média, no geral. Acima destes terraços está depositada uma areia conglomerática, grossa na base, gradando para mais fina no topo, onde se apresenta rica em matéria orgânica. Estas areias são muito mal selecionadas com arredondamento e esfericidade variando entre média e baixa. Constituem os solos conhecidos regionalmente como "mussulunga".

Não se encontrou qualquer contato vertical entre a parte su-

perior do Barreiras e estas areias do Quaternário; é sempre transicional lateralmente, evidenciando que as mesmas estão preenchendo paleo-vales escavados nos sedimentos da parte superior do Barreiras.

b. Planície Costeira. Uma extensa planície costeira se estende entre a base da falésia e a linha de praia atual, percorrida por cordões litorâneos, em geral fusiformes, que vêm dar uma feição característica ao litoral sul baiano. Por sua posição geomorfológica e alteração, Tricart (8) atribuiu-os à idade do Dunquerqueano.

Uma outra característica desta região costeira são os recifes, que se apresentam constituídos por:

Arenitos calcíferos. São remanescentes de praias antigas, apresentando formas diversas, embora, no geral, se apresentem como uma linha subparalela aos contornos das praias atuais, podendo apresentar espessuras variáveis. Na sua constituição litológica se apresentam formados por areias mal selecionadas, com pequenos seixos de quartzo cimentados por carbonato de cálcio, contendo, também, na sua constituição, uma pequena percentagem de restos de moluscos, corais e outros organismos marinhos.

Segundo pesquisas realizadas (8), se comprovou que estes arenitos possuem litificação apenas por alguns metros, estando, portanto, assentados sobre areias

e/ou conchas. A respeito da origem deste carbonato, sua fonte fornecedora seriam as areias das praias recentes, sendo, portanto, intraformacional e não alógena. Uma das razões que conduziu a esta conclusão é o fato de que as areias das praias da Bahia são muito ricas em carbonato de cálcio, apresentando em média uma percentagem de 10 a 20% deste elemento, de origem orgânica principalmente (8). Contudo, é mais racional considerarmos que o cimento destes arenitos foi formado pela água do mar, durante a regressão marinha.

Recifes orgânicos. Apresentam-se em forma de mesas com extensões variáveis, constituindo arquipélagos, um pouco afastados da linha de costa. São do tipo recifes isolados, formados por colônias de corais. Como exemplos temos os recifes de Coroa Alta, Gameleira, Guaiuba etc.

c. Planície flúvio-aluvial. Sobre a superfície trabalhada pelo ciclo Paraguassu, que produziu entalhamento de vales e gargantas com fundo largo e chato, se acumularam aluviões e depósitos pantanosos, constituindo uma extensa planície aluvionar. Esta planície se estende também, e principalmente, ao longo das margens dos rios Jequitinhonha, Ubu e St^a Cruz de Cabrália e foz dos demais rios, notadamente do St^o Antônio, St^a Cruz de Cabrália, Mogiquiçaba e Guaiuba. Apresentam sempre uma fase areno-siltosa nas proximidades das margens e uma outra siltica-argilosa, mais afastada, constituindo os pantanaís.

GEOLOGIA ESTRUTURAL

Por se tratar de uma região coberta por sedimentos do Terciário e Quaternário, praticamente não se nota estruturas tectônicas na área, o que, aliás, é uma das características da Série Barreiras. Apenas nos pequenos afloramentos dos quartzitos, ao longo do córrego das Pedras, se nota o reflexo do tectonismo pré-Barreiras que atuou na área. Estas rochas do embasamento se apresentam bem estratificadas - N 175/20 W - e intensamente fraturadas em dois sistemas principais: N 350/subvertical Este e E-W/vertical.

Um fato digno de nota é que a drenagem, nos sedimentos terciários, tem, em muitos locais, trechos dos rios e riachos coincidentes com as duas direções de fraturas dos quartzitos, como acontece nos rios Jaqueirinha, Pina, Sucuruiuba, Sucuruiubinha, Vermelho, Braço do Norte, Córrego do Mutuzinho, Arimonguê etc. O rio Stº Antônio tem praticamente o seu trecho encaixado nestas duas direções. Considerando que a sedimentação da Série Barreiras foi de bordo de bacia, a grande espessura que estes sedimentos apresentam ao longo das falésias, contrastando com o que ocorre quando se desloca para o interior do continente, tem a sua explicação residente no fato de que esta Série sofreu uma subsidência. Contemporaneamente houve então reativação dos sistemas de fraturas, nas rochas do embasamento que se refletiu nos sedimentos pré-depositados, sendo que muitos

trechos da rede de drenagem do Barreiras se encaixaram nestas direções. Uma outra explicação racional seria considerar que este fenômeno é resultante de uma compactação diferencial, embora as evidências de campo não sejam suficientemente elucidativas.

No seu mapa geomorfológico da região, Gouvea (3) se refere também à existência de rios adaptados a fraturas nos sedimentos terciários da Série Barreiras e que possivelmente estas fraturas seriam do embasamento da região.

GEOLOGIA ECONÔMICA

Durante os trabalhos de campo não foi constatada a presença de minerais de interesse econômico, fato comum nos sedimentos da Série Barreiras, que se tem mostrado estéreis para mineralizações, nas áreas já estudadas onde ocorrem estes sedimentos.

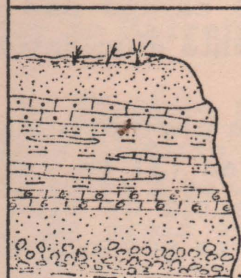
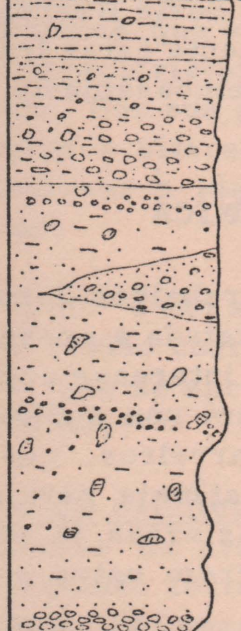
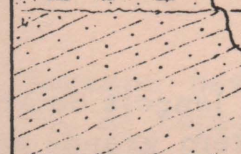
Merecem ser cuidadosamente pesquisados os minerais pesados que ocorrem associados às areias das praias antigas e atuais (rutilo, monazita, ilmenita etc.). Atualmente, estes estudos estão sendo realizados pela TIBRÁS S. A. Outra ocorrência que também merece um estudo de viabilidade econômica é dos recifes orgânicos que constituem verdadeiros arquipélagos, próximos à linha de costa atual.

Os extensos lençóis de areia conglomerática têm grande aplicação como material de construção.

PORTO SEGURO - MOGIQUIÇABA
NORDESTE

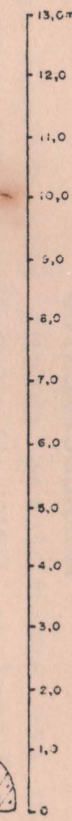
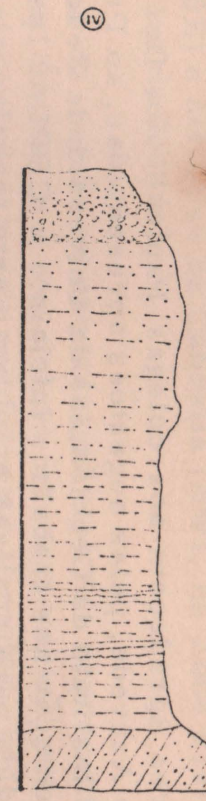
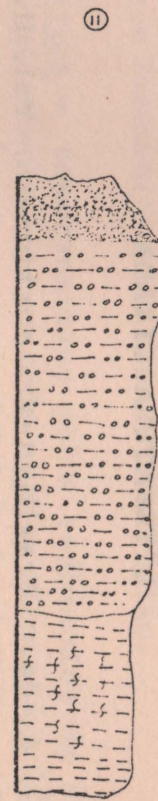
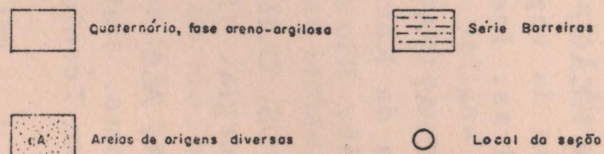
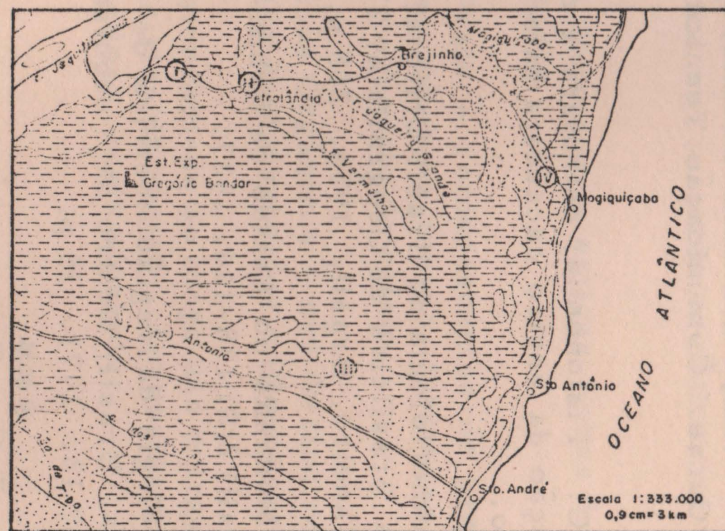
COLUNA ESTRATIGRÁFICA GERAL

N.R. Mendes Filho

	Aluviões arenosos e argilosos - pântanos e mangues Praias recentes Arenito calcífero Cordões de praias antigos com níveis de calcáreo Recifes orgânicos Terraços fluviais, gradando para areia conglomerática	QUATERNÁRIO
	Arenito argiloso de cor avermelhada, coerente, mal selecionado Arenito argiloso, cinza, grosseiro, gradando para fino no topo Arenito argiloso, feldspático, tendendo a um sub-arcócio Presença de clay-balls nas argilas e arenitos precedentes Níveis e bolsões de areias conglomeráticas	TERCIÁRIO Série Barreiras
	Canga ferruginosa Argilas variegadas, coerentes, de cor cinza, vermelha, violeta Textura mosqueada, muito coerentes Pequenos níveis de limonita Lentes de seixos de quartzo com pequena espessura Arenito branco, matriz caulínica, friável com níveis ricos em óxido de ferro	
	DISCORDÂNCIA ANGULAR Quartzito micáceo Quartzito hematítico	PRÉ-CAMBRIANO

SEÇÕES REPRESENTATIVAS DA SÉRIE BARREIRAS PORTO SEGURO — MOGIQUIÇABA NORDESTE

SITUAÇÃO DAS SEÇÕES



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos colegas Paulo Souto, Dr. Raul Mosmann e Hélio Azevedo, pelas sugestões apresentadas, ao Prof. Enrico Di Nápoli, do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, pela orientação nos trabalhos iniciais e à CEPLAC pela oportunidade concedida para realizar e publicar este trabalho.

LITERATURA CITADA

1. AZEVEDO, A. de. Brasil a terra e o homem. Vol. II. São Paulo. Editora Nacional. 1970. 481 p.
2. _____. Brasil a terra e o homem. Vol. I. As bases fisiográficas. 2ª edição revista. São Paulo, Editora Nacional, 1968. 607 p.
3. GOUVÊA, J.B.S. Contribuição à geomorfologia dos baixos cursos dos rios Pardo e Jequitinhonha. Itabuna, Brasil, Centro de Pesquisas do Cacau. Comunicação Técnica nº 35. 1969. 11 p.
4. _____ e LEÃO, A.C. Fisionomia, estrutura e condições ecológicas da vegetação da região cacaueira baiana. Folha Canavieiras. Inedito.
5. KING, L.C.A. A geomorfologia do Brasil Oriental. Brasil, separata da Revista Brasileira de Geografia nº 2. Abril/junho de 1956. Rio de Janeiro, Brasil. 1956. 265 p.
6. LEONARDOS, O.H. Monazita no Estado da Bahia. Mineração e Metalurgia. (Brasil) 2(8):138-144. 1937.
7. PEDREIRA, A.J. Geologia da região costeira de Canavieiras e Belmonte. Itabuna, Brasil, Centro de Pesquisas do Cacau. Boletim Técnico nº 13. 1971. 35 p.
8. TRICART, J. e SILVA, T.C. Estudos da geomorfologia da Bahia e Sergipe. Publicado pela F.D.C. Ba. Bahia, Brasil. 1968. 180 p.

RESUMO

A área mapeada está situada parcialmente nos municípios de Belmonte (SE) e Stª Cruz de Cabralia (NW), na Zona Fisiográfica Cacaueira do Sul da Bahia.

O clima da região se enquadra no tipo Af, representativo de floresta tropical úmida, e o seu relevo se caracteriza por ser um extenso tabuleiro, que termina por falésias abruptas, seccionadas perpendicularmente por rios que desaguam no Atlântico. A presença dos cordões de praia, na planície litorânea, é também outra característica marcante.

Resumidamente, a estratigrafia é a seguinte:

Pré-Cambriano - foram considerados como tal, os quartzitos micáceos que formam o embasamento da região.

Terciários - representados pelos sedimentos da Série Barreiras, que praticamente cobrem toda a área mapeada. São sedimentos de natureza dendrítica, com predominância de siltes e argilas associadas a arenitos argilosos e leitos de conglomerados, com seixos de quartzo dispostos em camadas horizontais ou levemente inclinadas em direção ao mar.

Quaternário - constituído das seguintes unidades:

Extensos lençóis de areia conglomerática na base, gradando para mais fina e rica em matéria orgânica, no topo, sobrepostos à Série Barreiras.

Cordões Litorâneos - antigas linhas de praia, dispostas paralelamente, às atuais.

Arenitos de Praia - remanescentes de praias antigas consolidadas, constituídos por extensas mesas, formadas por areias e/ou calhaus litificados por carbonato de cálcio.

Recifes Marinhos Orgânicos - são do tipo recifes isolados, constituídos por colônias de Antozoários e Hidrozoários.

Aluviões - estendem-se ao longo das margens do rio Jequitinhonha e foz dos demais rios da região. Apresentam uma fase areno-siltosa e outra silte-argilosa, mais afastada.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA CEPLAC

Série Boletim Técnico - já publicados os nºs 1 a 16.

Revista Theobroma - já publicados vol. 1, nºs 1 a 4 (1971) e vol. 2, nºs 1 e 2 (1972).

Revista Cacau Atualidades (trimestral) - nível técnico.

Informes técnicos do CEPEC e Relatórios da CEPLAC.

O Cacaucultor - jornal popular

Miscelânea

COMISSÃO EDITORIAL

COORDENADOR

Antonio Dantas Machado

MEMBROS

Paulo de T. Alvim
Fernando Vello
Herminio M. Rocha
Antônio H. Mariano
Antonio J. Ventocilla
Percy Cabala R.
Maria Helena Alencar

EDITOR PRINCIPAL

Luis Carlos Cruz

EDITOR ASSISTENTE

José Correia de Sales

COMPOSIÇÃO

Nisvaldo S. Damasceno

MONTAGEM

Diana L. R. Ferreira

FOTOLITO

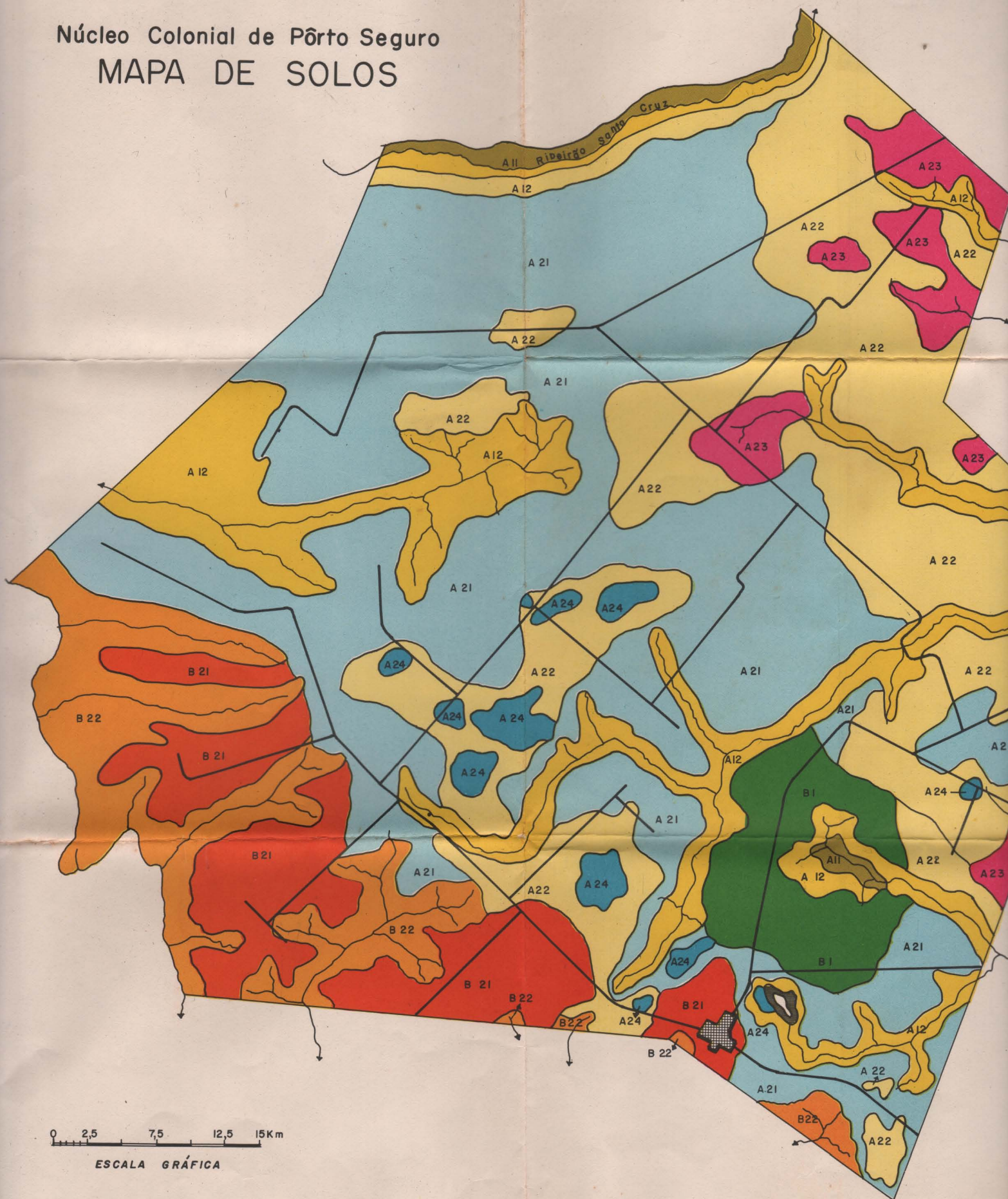
João C. de Oliveira
Rui Carlos C. Carvalho

IMPRESSÃO

Edelvito P. Lavinsky
João P. Cardoso

Podem-se solicitar exemplares deste Boletim Técnico, dirigindo-se a: Chefe da DICOM, CEPLAC. Caixa Postal 7. Itabuna, Bahia, Brasil.

Núcleo Colonial de Pôrto Seguro
MAPA DE SOLOS



Projeto Integrado de Colonização CONVENIO CEPLAC-INCRA

LEGENDA

FISIOGRAFIA	UNIDADE DE MAPEAMENTO	TAXONOMIA
A - RELÉVO TABULAR		
A1 - VALE		
A11 - Fundo	SANTA CRUZ	Dystropept
A12 - Vertente	SAPUCAEIRA	Typic Haplortox
A2 - TÔPO PLANO		
A21 - Nível Superior	ESCOLA	Typic Haplortox
A22 - Nível Médio	PAU QUEIMADO	Typic Haplortox
A23 - Nível inferior	PODZOL	Grossarenic Tropaquod
A24 - Depressão Fechada	Complexo: MUSSUNUNGA COVOADO	Dystropept-Typic Tropaquept
B - RELÉVO COLINOSO		
B1 - Colina Alta	COLINA	Typic Eutrorthox
B2 - Colina Baixa		
B21 - Tôpo de Colina	SEDE	Typic Eutrorthox
B22 - Vertente de Vale	SEDE FASE DECLIVE	Typic Eutrorthox

CONVENÇÕES

	CURSO D'ÁGUA
	REPRESA
	ESTRADA
	ÁREA URBANA

ESCALA - 1:25 000

Material básico: MAPA TOPOGRÁFICO

ESCALA - 1:10 000

FOTOGRAFIAS AÉREAS - ESCALA - 1:25 000
TOMADAS EM 1957/1958

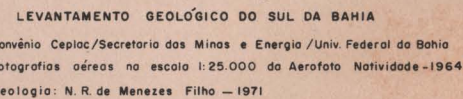
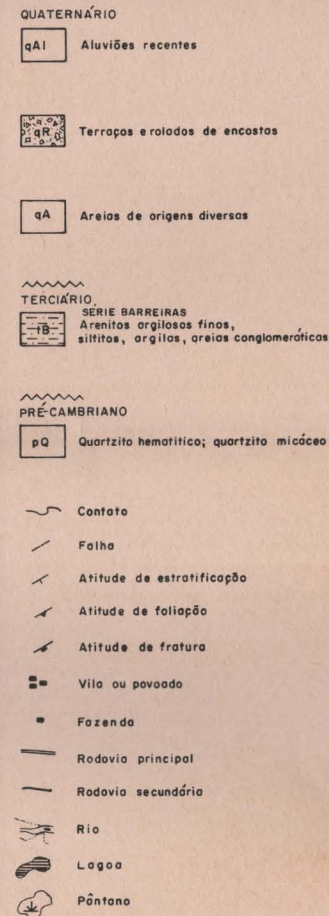
CEPLAC
Centro de Pesquisas do Cacau
DIVISÃO DE SOLOS - SETOR DE PEDOLOGIA

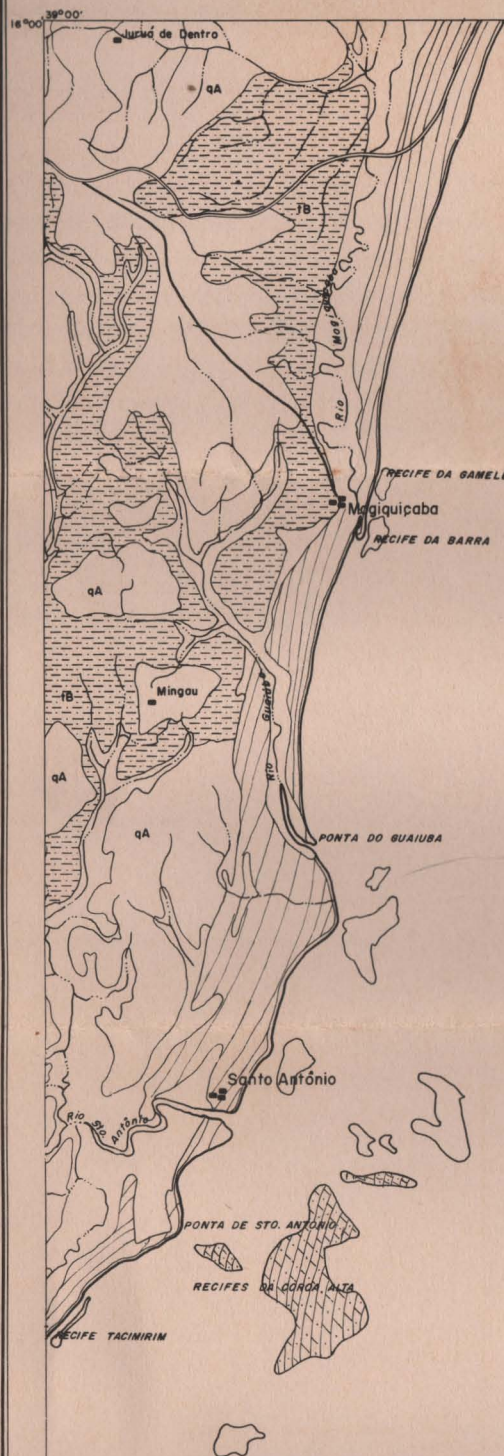
1973

45 600 - ITABUNA - BA

Autor: Eng. Agr. ANTONIO CARLOS LEÃO

Desenho: Walter Moreira





OCEANO ATLANTICO

QUATERNÁRIO

qAl Aluviões recentes

qA Areias de origens diversas

qp Praias recentes

qr Recifes de arenitos calcíferos

qp' Linhas de praias antigas

TERCIÁRIO

SERIE BARREIRAS
Arenitos argilosos finos, siltitos, argilas e areias conglomeráticas

— Contato

■ Vila ou Povoador

■ Sede de fazenda

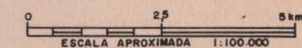
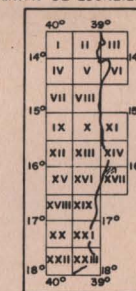
— Rodovia principal

— Rodovia secundária

— Rio

⬇ Pântano

MAPA DE LOCALIZAÇÃO



LEVANTAMENTO GEOLÓGICO DO SUL DA BAHIA

Convênio Cepiac, Secretaria das Minas e Energia e U.F.Ba.
Fotografias aéreas na escala 1:25.000 da Aerofoto Natalidade-1964
Geologia: N. R. de Menezes Filho — 1971

1972

